

Livro de Atas Ibercom 2022

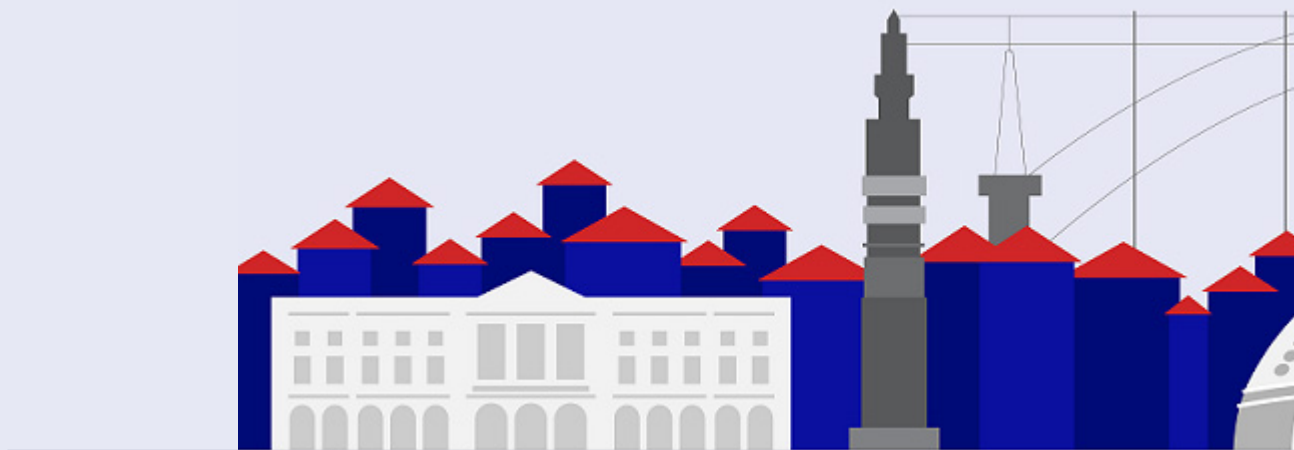
Cicilia M.Krohling Peruzzo

Vasco Ribeiro

Helena L. Dias Lima

Comunicação, identidades e diálogo na cidade mediatizada.

Livro do XVII Congresso Ibero-Americano de Comunicação 2022



CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

Porto

2023

XVII Congresso Ibero-Americano de Comunicação - IBERCOM 2022

Tema Central: Comunicação, Identidades e Diálogo na Cidade Mediatizada

Data: 26 a 28 de Outubro de 2022

Local: Universidade do Porto / Pavilhão Rosa Mota / Jardins do Palácio de Cristal – Portugal

Promoção: Associação Ibero-Americana de Investigadores de Comunicação (ASSIBERCOM) - Brasil

Realização: Faculdade de Letras, Universidade do Porto - Portugal

Ficha catalográfica

ASSIBERCOM Associação Ibero-Americana de Investigadores de Comunicação

Universidade do Porto (Portugal)

Data: 26 a 29 de outubro de 2022: Portugal

XVII Congresso Ibercom 2022 [livro eletrônico]: Comunicação, Identidades e Diálogo na Cidade Mediatizada / ASSIBERCOM Associação Ibero-Americana de Investigadores da Comunicação / Universidade do Porto; Organização Círculo Maria Krohling Peruzzo; Vasco Ribeiro; Helena Lima

Porto: Assibercom, 2023.

Título: **Comunicação, identidades e diálogo na cidade mediatizada**

Coordenação: Círcia M. Krohling Peruzzo, Vasco Ribeiro, Helena L. Dias Lima

© 2023 Autores

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

Via Panorâmica, s/n | 4150-564 Porto | www.citcem.org | citcem@letras.up.pt

Este trabalho é sujeito a *double-blind peer review*.

Esta é uma obra em Acesso Aberto, disponibilizada online (link) e licenciada segundo uma licença Creative Commons de Atribuição Sem Derivações 4.0 Internacional (CC BY 4.0)



ISBN: 978-989-8970-61-9

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8970-61-9/com>

PERUZZO, C., RIBEIRO, V. & LIMA, H., coord (2023). *Comunicação, identidades e diálogo na cidade mediatizada*. Porto: CITCEM

Porto, outubro de 2023 (1.ª edição)

Este trabalho foi elaborado no quadro das atividades do grupo de investigação «Informação, Comunicação e Cultura Digital», e é financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Não é uma aventura! Aspectos de uma cobertura telejornalística sobre um crime na Amazônia. ¹

Ana Carolina Rocha Pessôa Temer
Universidade Federal de Goiás – UFG – Brasil
anacarolina.temer@gmail.com

Simone Antoniaci Tuzzo
Universidade da Maia – Umaia – Portugal
santoniaci@umaia.pt

RESUMO

Este estudo faz uma análise do material telejornalístico no período que corresponde ao desaparecimento e posterior comprovação do assassinato do jornalista Dom Phillips e do indigenista Bruno Pereira, analisando estas ações a partir de um vínculo com a agressão aos jornalistas que, em particular tem sido vítimas da ação/inação do Presidente Jair Bolsonaro, membros de seu governo e militantes. O estudo envolve uma contextualização sobre o bolsonarismo, a radicalização política e seus reflexos no telejornalismo brasileiro. Desenvolve reflexões sobre a produção de sentido na edição jornalística e, de forma secundária, o esforço da atividade profissional, do próprio jornalismo e de seus compromissos com a sociedade. Metodologicamente apresenta uma pesquisa qualitativa (Chizzotti, 1991; Flick, 2009); com amostra classificada como aleatória por conveniência (Malhotra, 2006); e análise de discurso crítica (Fairclough, 2003; Magalhães, 2005), mas também um estudo sobre Gêneros Jornalísticos (Marques de Melo, 2003, 2009; Marques de Melo & Assis 2016). Conclui-se que, na avaliação dos jornalistas, as mortes estão relacionadas às ações ou falta de ações do Governo, como um sintoma das tensões que marcam a relação entre a política e o jornalismo no Brasil; a dramaticidade das coberturas e elementos de valorização da imprensa.

Palavras-chave: Jornalismo; Crime; Bolsonarismo; Amazônia; Indígenas.

Keywords: Journalism; Crime; Bolsonarismo; Amazonia; Indigenous.

Introdução

No dia 6 de junho de 2022, a imprensa brasileira começou a noticiar o desaparecimento do jornalista

¹ Trabalho apresentado na DTI Estudos de Jornalismo, XVII Congresso Ibero-Americano de Comunicação – IBERCOM 2022, realizado de 26 a 29 de Outubro de 2022 no Super Bock Arena, na cidade do Porto, Portugal, promovido pela Assibercom e pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

britânico Dom Phillips, colaborador do jornal The Guardian, e do indigenista brasileiro Bruno Pereira, ocorrido um dia antes, quando faziam o trajeto entre a comunidade ribeirinha São Rafael até Atalaia do Norte, uma área pertencente ao Vale do Javari, no oeste do Estado do Amazonas, local que abriga parte da Floresta Amazônica, entrecortado por rios, florestas e pântanos, considerada a segunda maior terra indígena do Brasil, com a maior concentração de povos isolados do mundo². Dom Phillips faria entrevistas com indígenas na região a fim de coletar material para o livro que estava escrevendo sobre preservação ambiental e Bruno Pereira, seu guia na viagem, era indigenista da Fundação Nacional do Índio – Funai, mas estava licenciado para trabalhar com organizações indígenas, em projetos de vigilância de seus territórios³.

No dia 15 de junho de 2022, com a confissão de um dos envolvidos, foi confirmado o duplo assassinato nesta área marcada pelo garimpo, caça, pesca e madeireiros ilegais, grilagem de terras, tráfico de drogas, igrejas neopentecostais tentando cooptar tribos inteiras, invasão de terras, prostituição e enfraquecimento dos órgãos de proteção, tornando essa área uma das mais atacadas e menos protegidas pelo Estado⁴.

O crime extrapolou as investigações da Polícia local e, como consequência da repercussão do crime na imprensa nacional e internacional, inclusive com críticas às autoridades brasileiras, acusadas de reagirem tardiamente ao desaparecimento e não terem adotado medidas de buscas suficientes, resultou no envolvimento da Polícia Federal. O episódio reafirma o enfraquecimento de instituições ambientais durante o Governo Bolsonaro, além de reforçar o desprezo que Bolsonaro tem pela imprensa e pelos jornalistas, uma vez que o presidente acusou as vítimas de “terem embarcado em uma aventura perigosa”⁵ e de não cuidarem da própria segurança. As falas invertem o papel das vítimas, colocando-as como culpadas pela própria ação que decidiram realizar, e assume tratar-se de um território perigoso, dominado pela contravenção e onde as forças de segurança nacional tem pouca presença ou controle.

Não foi o primeiro embate de Bolsonaro com os jornalistas, e nem mesmo com Dom Phillips. Em 2019, ano em que Bruno Pereira foi exonerado de seu cargo na Funai após confrontar garimpeiros e outros contraventores, Bolsonaro foi agressivo em uma coletiva de imprensa, respondendo a Dom Phillips que a “Amazonia é nossa e não de vocês”⁶. Casos como o da repórter da ‘Folha de S. Paulo’ Patrícia Campos Mello, (UOLNotícias, 2021), vítima de um jogo de sentidos com o termo jornalístico furo, acusando-a de “dar o furo a qualquer preço”, entre muitos outros, levaram o nome do presidente à lista dos 37 chefes de Estado ou governo que reprimem maciçamente a liberdade de imprensa compilada pela organização de Repórteres Sem Fronteiras – (RSF, 2021 / MídiaTalk, 2021). De fato, segundo denúncia da Human Rights Watch, o governo Bolsonaro fez 400 ataques a jornalistas (Relatório World Report, 2020) em 2020, o que representa um aumento de 67% na violência contra jornalista no Brasil. Esses dados, citados tanto no Relatório do Repórter Sem Fronteiras como no Relatório elaborado pelo Departamento de Estado do EUA, coloca o Brasil no 107º lugar do mundo na violência contra os jornalistas. Outros dados, citados no Jornal das 18 horas da Globo News, Jornal da Band e Jornal Nacional veiculados no dia 30 de março de 2022,

2 Entenda caso do desaparecimento de indigenista e jornalista inglês no Amazonas. 13 jun. 2022. <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/entenda-o-desaparecimento-indigenista-e-jornalista-ingles-no-amazonas/>

3 Corpos de jornalista e indigenista mortos na Amazônia são entregues às famílias. Carta Capital. 23 jun. 2022. <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/corpos-de-jornalista-e-indigenista-mortos-na-amazonia-sao-entregues-as-familias/>.

4 Em meio à comoção mundial por Bruno e Dom, indígenas de Rondônia cobram respostas por outra morte impune. Carta Capital. 20 jun. 2022. <https://www.cartacapital.com.br/justica/em-meio-a-comocao-mundial-por-bruno-e-dom-indigenas-de-roraima-cobram-respostas-por-outra-morte-impune/>.

5 “Aventura não recomendável”, diz Bolsonaro sobre desaparecimento na Amazônia. SBT Brasil, 07 jun. 2022. <https://www.youtube.com/watch?v=tCSOMIGHZ-8>

6 O profissional questionou o presidente sobre o desmatamento na Amazônia e a relação de Ricardo Salles, então ministro do Meio do Ambiente, com madeireiro

apontaram que, segundo o Departamento de Estado dos Estados Unidos, o Presidente Bolsonaro é diretamente responsável pela agressão de 53 agressões a jornalistas.

Essa situação não mudou com a proximidade das eleições. Ameaçado por pesquisas que apontam as dificuldades de uma eventual reeleição, Bolsonaro tem oscilado entre uma postura agressiva (seu modelo mais espontâneo) e uma postura comedida, presente na propaganda política do seu partido. Essa aparente contradição reflete a fragilidade de um presidente eleito em circunstâncias específicas, a reboque do uso estratégico das redes sociais, de um discurso conservador e da exploração de um atentado contra a sua vida, fato inabitual nas campanhas presidenciais brasileiras. Alçado ao poder com um circunstancial apoio de setores da direita, Jair Bolsonaro somou a inabilidade de lidar com a imprensa com um sentimento de que estava sendo perseguido pelos meios de comunicação mais tradicionais no país.

Diante deste cenário, este estudo faz uma análise do material telejornalístico no período que corresponde ao desaparecimento e posterior comprovação das mortes, analisando estas ações a partir de um vínculo com uma postura de agressão aos jornalistas e ao jornalismo que tem sido vítimas da ação/inação do Presidente da República, Jair Bolsonaro, membros de seu Governo ou militantes. O estudo envolve uma contextualização sobre o bolsonarismo, e a radicalização política no telejornalismo brasileiro. Confrontada por esses conteúdos, são desenvolvidas reflexões sobre a produção de sentido na edição jornalística; o esforço da atividade profissional, do próprio jornalismo e de seus compromissos com a sociedade.

Em termos metodológicos este artigo apresenta uma pesquisa qualitativa (Chizzotti, 1991; Flick, 2009); com amostra classificada como aleatória por conveniência (Malhotra, 2006); e análise dos dados feita pelo método da Análise de Discurso Crítica (Fairclough, 2003; Magalhães, 2005), sobre as reações do telejornalismo brasileiro, em particular o telejornalismo da Rede Globo de Televisão e a sua co-ligada transmitida via sinal codificado, a Globonews, durante a cobertura do desaparecimento do jornalista Dom Phillips e do indigenista Bruno, e como isso afeta as relações e uma possível radicalização, entre a imprensa e o Governo Bolsonaro.

O questionamento central envolve a análise de se, e como, a exposição dessa crise, e suas conseqüentes repercussões internacionais, proporcionaram argumentos para a defesa da atividade profissional do jornalismo, mas, em contrapartida, também abriram espaço para temas de interesse do bolsonarismo (a defesa dos costumes e a questão da integridade territorial). Busca-se entender como a relação entre os dois pontos interferem na exposição/cobertura jornalística das atividades de investigação e busca dos jornalistas e do indigenista, em particular no que diz respeito à relação entre dois gêneros jornalísticos consolidados: o informativo e o opinativo.

A conclusão do trabalho nos mostra que, na avaliação dos profissionais do jornalismo, a morte do jornalista e do indigenista está diretamente relacionada às ações ou falta de ações do Governo; aos sintomas das tensões que marcam a relação entre a política e o jornalismo no Brasil; à dramaticidade das coberturas e à valorização da própria imprensa.

Um olhar crítico sobre o jornalismo

As escolhas metodológicas que guiaram essa pesquisa seguem os critérios adotados pelo Laboratório de Leitura Crítica da Mídia da UFG desde janeiro de 2018, período no qual os pesquisadores têm buscado aprofundar a compreensão das relações do Estado com a imprensa, que assumiu novas proporções em função das políticas (ou a falta delas) de comunicação adotadas pelo Governo Bolsonaro.

O trabalho, portanto, pretende dar continuidade a um Estudo Longitudinal, método que analisa variações ao longo de um período, mas se detendo particularmente no mês de junho de 2022,

quando o desaparecimento do jornalista e do indigenista torna-se tema central no jornalismo. O ponto de partida é uma leitura crítica descolonizada na qual os aspectos históricos são entendidos como elementos determinantes no estabelecimento de padrões comportamentais, mas procura também denunciar/transcender a um modelo de poder, cujos vícios ainda contém elementos das estruturas coloniais.

Mas esse é também um estudo sobre Gêneros Jornalísticos, entendendo que desde a Grécia clássica o termo é usado para classificar as diferentes possibilidades (ou intencionalidades) dos discursos. De uma forma geral os Gêneros se definem como parte de um conjunto maior, formando categorias a partir das quais podemos agrupar trabalhos semelhantes.

Quando o conceito é aplicado aos produtos dos meios de comunicação mediados de grande alcance⁷ os gêneros funcionam como estratégias que facilitam/definem a produção e leitura dos conteúdos. No jornalismo, o gênero atua como um contrato informal entre emissor e receptor, elementos facilitadores da produção e recepção de conteúdos, sendo elementos essenciais para a prática profissional, domínios que os jornalistas conhecem e sabem como produzir, modelos textuais previsíveis, mas com flexibilidade suficiente para abrigarem diferentes formações discursivas.

Na “Classificação Marques de Melo”, provavelmente uma das mais difundidas no Brasil, e que se fundamenta “em observações empíricas do jornalismo brasileiro no quinquênio 2002-2007” (MARQUES DE MELO, 2009, p.35), a distribuição dos formatos é assim sugerida: 1. Gênero informativo; 1.1. Nota; 1.2. Notícia; 1.3. Reportagem; 1.4. Entrevista; 2. Gênero opinativo; 2.1. Editorial; 2.2. Comentário; 2.3. Artigo.

Aplicado ao telejornalismo, esse modelo se torna mais dinâmico, uma vez que a transição de um gênero para o outro envolve aspectos sutis de linguagem e enquadramento. No entanto, embora o modelo tradicional de telejornalismo, aqui exemplificado pelo padrão assumido pelo Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, leve os receptores a pensarem o telejornalismo como principalmente informativo, é importante destacar que o material opinativo não está ausente do telejornalismo.

Nesse sentido, é importante acrescentar que embora o viés opinativo esteja presente desde a escolha dos fatos a serem noticiados até o enquadramento adotados na veiculação dos dados, o gênero opinativo se destaca por expressar de forma clara ou mais perceptível as opiniões, diferentemente do gênero informativo, cuja marca é uma narrativa predominantemente centrada no factual.

Nesta relação, a hipótese que norteou essa pesquisa é que as informações sobre a morte de Dom Phillips e Bruno Pereira reforçou a forte presença do conteúdo opinativo no telejornalismo segmentado.

Sobre este ponto é importante acrescentar que os gêneros opinativos são fundamentais para suprir a “necessidade sociopolítica de distinguir os fatos das suas versões” (MARQUES DE MELO, 2003, p.42) e refletem percepções que realocam os fatos a partir do contexto que interessa ao produtor deste conteúdo.

Destacamos que a análise dos gêneros e, por extensão, dos formatos, é a base deste artigo, pois trata-se de uma pesquisa qualitativa ou exploratória, uma vez que busca compreender os fenômenos ou acontecimentos a partir de situações sociais relevantes em um cotidiano. Nesse sentido, o trabalho se respalda em Chizzotti (1991, p. 27) que “ressalta as significações que estão contidas nos atos e práticas”, e na análise dos significados subjetivos da experiência e da prática cotidianas, conforme proposto por Flick (2009, p. 21).

7 Nos estudos sobre comunicação a gestão dos gêneros surge a partir do paradigma de Lasswell/Wright e da definição de categorias comunicacionais, que estabelece as correlações existentes entre as unidades de comunicação e as funções que desempenham no organismo social.

Embora a amostragem esteja limitada ao material efetivamente veiculado pela Rede Globo de Televisão e pela emissora Globo News no mês de junho de 2022, a amostra analisada pode ser classificada como aleatória por conveniência, pois se baseia em uma seleção definida pelos pesquisadores, em função da acessibilidade e da conveniência (MALHOTRA, 2006), mas com uma preocupação com a representação e a diversidade da amostragem.

Considerado estes aspectos, este artigo foi escrito a partir da análise de discurso crítica, fundamentada em Fairclough (2003) e Magalhães (2005), entendendo que essa metodologia contribui para a pesquisa crítica sobre a mudança social.

Em função desta proposta, não foram destacadas matérias jornalísticas específicas, mas conjuntos de conteúdos e análises que destacam momentos específicos do telejornalismo e sua postura em relação ao tema analisado.

Brasil de que país estamos falando?

O Brasil atual é um país estranho. Em discurso pronunciado na Cúpula das Américas⁸, evento promovido nos Estados Unidos, em junho de 2022, o presidente Bolsonaro ressaltou o potencial agrícola do Brasil e afirmou que o país “alimenta o mundo”. Na mesma semana, no dia 8 de junho, o Jornal Nacional (08/06/2022) denunciou que mais da metade dos brasileiros vive em situação de insegurança alimentar e 33 milhões de brasileiros passam fome.

Assim, ainda que as inserções comerciais diárias afirmem que o Agro é pop (referência à dinâmica da agricultura brasileira) os dados apontam que o brasileiro é pobre. Essa relação de contradições explica, entre outras coisas, porque o país elegeu como o candidato antipolítico o ex-deputado federal pelo Rio de Janeiro, que cumpriu vários mandatos entre 1991 e 2018. Bolsonaro, ou melhor, o chamado bolsonarismo⁹ (movimento político /ideológico capitaneado pelo Presidente Jair Messias Bolsonaro) chega ao poder de 2018, em eleições que envolvem condições específicas, entre elas o apoio de setores fundamentalistas e ligados ao agronegócio, além do voto de grande parte de um eleitorado desiludido com setores da esquerda acusados de corrupção,

Defensor da liberdade de falar, agredir e denegrir nas redes sociais, a marca do Presidente que confessa que “não leva jeito para ser presidente” é uma relação conflituosa (FARIAS, 2020) com a imprensa, valorizando as lives exibidas semanalmente e respondendo com mau-humor (ou de forma grosseira) as eventuais entrevistas quebra-queixo (jargão jornalístico que designa um modelo no qual o jornalista aborda em local público e de forma abrupta e com pouca chance de evasão um entrevistado).

Para parte da sociedade, o temperamento espontâneo (e explosivo) do Presidente brasileiro é uma prova de um modelo político diferenciado. As grosserias e agressões de Bolsonaro afetaram a própria dinâmica da relação do Estado com a imprensa, levando parte dos jornalistas a considerar que o pacto simbólico do Governo, de fornecer informações para imprensa poder atuar como mediadora entre o Estado e os Cidadãos, foi quebrado. Sentindo-se atacada, a imprensa brasileira reagiu, ampliando a repercussão deste desprezo e expondo a falta de coerência nas respostas e ações do atual Governo.

A questão adquiriu ares particulares no que diz respeito à Rede Globo de Televisão, emissora que

8 A Cúpula das Américas é uma reunião entre os chefes de Estado do continente americano promovida pela Organização dos Estados Americanos que objetiva dinamizar a cooperação entre os países da zona econômica americana. <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/saiba-o-que-acontecera-na-cupula-das-americas-a-partir-desta-segunda-feira-6/>

9 O vocábulo formado pelo sobrenome Bolsonaro associado ao sufixo -ismo, se popularizou nas eleições de 2018.

manteve uma relação quase íntima com o Governo Militar e, mesmo com a chegada da Democracia, conseguiu manter não apenas números majoritários na audiência – ainda que com significativas perdas – mas também um acesso privilegiado aos chefes do Governo e aos integrantes do seu primeiro escalão.

Desta forma, ainda que Jair Bolsonaro estivesse distante de ser o candidato/presidente apoiado ou desejado pela Rede Globo – uma vez que tinha laços com a sua concorrente, a Rede Record¹⁰, havia uma expectativa de que após a posse do Presidente os canais de comunicação seriam abertos, senão em função dos compromissos com a democracia, pelo menos pela certeza de que os números da audiência da Rede Globo representavam um caminho importante para se chegar ao grande público.

Bolsonaro, no entanto, manteve-se fechado a diferentes veículos tradicionais do Brasil (e não apenas a Rede Globo), apenas tolerando sua presença no cercadinho – espaço na saída do Palácio da Alvorada no qual apoiadores e, a partir desse ponto, jornalistas – esperavam a sua passagem. Sobre isso, o presidente Bolsonaro já tinha deixado claro que além de se comunicar por meio das redes sociais, ele também se informava – e formava suas opiniões – por meio deles.

Apoiando-se em um comportamento adotado por grupos que se identificam como a nova direita conservadora, e particularmente pelo comportamento agressivo do Presidente Donald Trump (que considerava um amigo particular), ele e membros do seu governo verbalizaram críticas às instituições democráticas e, em particular, ao Supremo Tribunal Federal; e aos processos de internacionalização, em uma ladainha contra a corrupção e defesa canhestra dos valores familiares e da religião. O discurso inclui ainda um patriotismo enviesado, que ressuscita a visão do Governo Militar na década de 1970 de que a Amazônia está sob a ameaça de grupos internacionais, e a melhor forma de preservar a integridade territorial do país é a sua ocupação com atividades econômicas (mesmo que predatórias).

Atuando a partir do que Arendt (1997) denuncia como um conflito entre verdade e política, o bolsonarismo não vacila em deturpar informações ou mesmo mentir como forma de obter vantagens políticas. À frente de um Governo marcado por diferentes crises (entre elas a Pandemia da Covid-19 e a Guerra na Ucrânia-Rússia), Bolsonaro tem se mantido no cargo graças ao apoio do chamado Centrão¹¹, sendo ao mesmo tempo generoso com seus aliados no legislativo, mas sovina com setores como saúde, educação e com órgãos públicos ligados à defesa do meio ambiente e dos povos indígenas.

De fato, embora a relação entre a imprensa brasileira e a política alterne períodos de conflito e interesses cruzados, o modelo democrático implantado a partir de 1985, reforçado com a Constituição de 1988, tem reforçado o ethos que orienta a atividade profissional e se apoia no respeito à verdade; a Democracia – condição essencial para a continuidade do jornalismo; a valorização da objetividade e da imparcialidade, ainda que o modus operante do bolsonarismo seja um constante elemento de tensão entre o Governo e a imprensa.

Soma-se a isso a emergência e a importância das Redes Sociais, que pavimentaram um novo contexto que desafia a força da imprensa pela ampliação de informações não jornalísticas, incluindo o falseamento de dados e mentiras daquilo que se convencionou chamar de fake news (BRANDINO, 2021).

O uso das redes por políticos e chefes de Estado, como é o caso do Presidente Bolsonaro, fortalece esses meios, mas também amplia seu potencial para a divulgação de informações falsas, fomento de

10 A Rede Record tem relações diretas com a Igreja Universal do Reino de Deus, ramo do protestantismo pentecostal com características conservadora que abriga grande número de eleitores do Presidente Bolsonaro.

11 Bloco composto por parlamentares de diferentes partidos, que se unem para conseguir maior influência no parlamento e defender, de modo conjunto, seus interesses; e eventualmente obter vantagens econômicas e/ou eleitorais.

críticas e suspeitas sobre os veículos de imprensa. Nesse novo contexto no qual a força da imprensa não apenas tem sido questionada, mas também tem feito com que grandes conglomerados midiáticos passem a ser descritos “por alguns setores de política como pouco confiável, esquerdista ou comunista (sic)”. (TUZZO; TEMER, 2021)

Elementos de uma cobertura jornalística nos tempos do bolsonarismo

O termo cobertura jornalística, ou a expressão cobrir um fato, é um dos muitos jargões jornalísticos que ganhou vida fora do âmbito profissional. Nascido na redação, sua definição é fluida, mas de uma forma geral pode ser compreendido como uma ação ou conjunto de ações de investigar um fato ou uma série de fatos relacionados a um tema específico, que resultam em matérias jornalística efetivamente veiculadas. Em geral uma cobertura está vinculada a uma “estratégia de apuração e angulação” (SILVA, 2022), e pode ser entendida como uma um elemento compõe ou uma parte que se insere, e reflete, o conjunto do conteúdo jornalístico.

No contexto do Governo Bolsonaro, as coberturas jornalísticas têm refletido – e sido condicionadas – por elementos de tensão, novas pautas e desafios para os jornalistas. Elementos como eventuais ataques (físicos e verbais) ao Supremo Tribunal Federal, agressão a jornalistas e o negacionismo científico levaram a cobertura jornalística assumiu um posicionamento crítico e eventualmente de oposição. Da mesma forma, aspectos confusos do discurso ao mesmo tempo moralista e negacionista do presidente se capilarizou nas redes sociais, com Bolsonaro e sua equipe (cuja característica mais gritante é ter à frente os próprios filhos como apoiadores e divulgadores) repetindo a estratégia de utilizar as mídias digitais para criticar ações contra a pandemia, atacar decisões judiciais e justificar aliados e principalmente as significativas conquistas econômicas dos seus filhos.

O uso das Redes pelo Governo potencializou a tendência de cisão ou radicalização da sociedade em grupos que apenas dialogam entre si. Para além da polarização, o problema ganhou uma nova dimensão em ataques em espaços públicos contra jornalistas “[...] nas quais afloraram xingamentos ou bordões críticos sobre empresas jornalísticas e gritos em defesa do Presidente e do bolsonarismo”. (TUZZO; TEMER, 2021)

A repetição de agressões contra jornalistas despertou o sentimento de uma classe cuja marca é a disputa pelo interesse do receptor, e as repercussões sobre ataques aos colegas – mesmo quando pertencentes outros veículos e eventualmente a concorrentes diretos – passaram a se tornar uma constante. Da mesma forma, ganharam espaço nos veículos de imprensa as reações – notas e entrevistas – de entidades ligadas ao jornalismo e seus representantes, como a Associação de Jornalismo Investigativo; Associação Nacional de Jornais; e a Associação Nacional de Imprensa. No mesmo contexto, a justificativa de relação da imprensa com a democracia e das ameaças do atual governo para a liberdade de imprensa ganhou espaço. Aparentemente difuso pelos anos de duração do Governo Bolsonaro, esse elemento foi fundamental para a imprensa em geral – e particularmente para a Rede Globo de Televisão – assumir desde o primeiro momento a cobrança pelas buscas do jornalista Dom Phillips e do indijênista Bruno Pereira.

Jornalismo e Jornalistas

No último dia 7 de abril de 2022 um dos aspectos destacados – pelo menos pelos jornalistas e comentaristas – foi que “no mundo dos super-heróis dos quadrinhos, essa é uma profissão bastante disputada pelos humanos, heróis, vilões e, surpreendentemente, até mesmo Deuses.” (RATIN, 2022). A referência não é fortuita, e ultrapassa a barreira dos ficcionistas. Vieira (1991) por meio de depoimentos jornalistas brasileiros, buscou não apenas destacar os caminhos desta profissão, mas mostrar o que há de heroico nesta atividade.

Embora não seja objetivo deste texto tentar buscar as relações que envolvem a construção deste mito, é importante destacar que o jornalismo, desde suas origens no iluminismo, tem uma relação simbiótica com a democracia (TRAQUINA, 2005). Soma-se a isso a influência da Revolução Francesa (1789-1799), movimento que teve grande impacto no pensamento das sociedades ocidentais, e que indiretamente formatou o perfil dos intelectuais que atuavam como gazeteiros ou redatores como nacionalistas que atuavam na defesa das ideias liberais. Dessa forma, Jornalismo e democracia partilham a noção de liberdade de expressão como um valor central, o que torna a democracia como uma pré-condição para existência do jornalismo efetivamente livre. Baseados nesta relação, portanto, da cultura do jornalismo profissional valoriza o a agir no sentido de acompanhar de forma crítica as ações do Estado e dos representantes do poder público. Traquina (2005, p. 22) reforça que “A democracia não pode ser imaginada como sendo um sistema de governo sem liberdade e o papel central do jornalismo, na teoria democrática, é de informar o público sem censura”.

No entanto, a imprensa em si não é neutra. Particularmente nos países capitalistas periféricos, como é o caso do Brasil, o controle da imprensa está ligado às grandes empresas midiáticas, o que se insere de forma mais direta nas relações de poder. No entanto, as próprias empresas também valorizam a mitologia que cerca o jornalismo, muitas vezes propagando essa intenção no próprio título do veículo. Esse é o caso, para citar alguns exemplos, dos periódicos Farol Paulistano (1827-1831), do maranhense Estrela Brasileira (1823-1824), o Vigilante no Rio Grande do Sul (1830) ou do Sentinela da Liberdade, fundado por Cipriano Barata, na Bahia (1825-1838)

A mística dos compromissos jornalísticos é, entre outros aspectos, importante para obliterar que a produção do conteúdo jornalístico é tensionada por vários aspectos, entre eles a permanente necessidade de conquistar e manter o receptor potencializando os apelos sensacionais da informação e o uso de recursos estéticos. Dessa forma, embora o jornalista seja retratado como um incansável buscador da informação, o resultado deste trabalho envolve o controle do material publicado e a exposição seletiva de conteúdos, que são adaptados às necessidades e interesse de um contexto social sempre fluido e de processos políticos em permanente mudança.

Dessa forma, ainda que o jornalismo se justifique pela confiabilidade, fiabilidade e confiança no relato dos fatos, a imprensa não está isenta de enquadramentos e gostos, sendo ela mesma um ator social importante, cuja ingerência política não é rara e os interesses da mesma ordem estão sempre presentes. Os conceitos de neutralidade e objetividade, elementos que remetem ao positivismo e refletem uma tentativa de aproximação do jornalismo com o pensamento racional e o rigor científico, devem ser pensados como um reforço ou uma validação da verdade/credibilidade. A articulação destes elementos não obedece a fórmulas, uma vez que o jornalismo os utiliza um ritual estratégico (TUCHMAN, 1999), justificativas que buscam invalidar antecipadamente as críticas e comprovam a necessidade de rotinas de produção relativamente organizadas.

Mas esse não é o único ritual estratégico presente nessa atividade profissional. De forma ampla, as empresas jornalísticas tentam imputar aos profissionais da imprensa as qualidades genéricas atribuídas ao jornalismo, de forma que se tornam fiadores da sua fidelidade dos fatos. Os jornalistas, particularmente aqueles que possuem alguma visibilidade e reconhecimento social – ou algum tipo de fama – tornam-se ativos das empresas jornalísticas, produto anunciado e valorizado pela

capacidade de deslindar fatos ou por estar no lugar “onde o fato acontece”¹². Os jornalistas, portanto, tendem a ser vistos como uma extensão da empresa jornalística, a personificação dos valores éticos que guiam o jornalismo.

Em princípio, o valor do profissional do jornalismo se relaciona com sua capacidade de ter acesso privilegiado às fontes de informação e pela competência de construir relatos a partir do uso estratégico dessas fontes. Mas em tempos de crise, a valorização do jornalista (ou sua mitificação) torna-se um elemento importante para a defesa da profissão e explicitação dos seus vínculos com a democracia e a liberdade de expressão. O jornalista consolida-se como uma profissão cuja defesa da cidadania e da democracia é condição essencial para o próprio trabalho” (TEMER e TUZZO, 2017; 2018) mas também como o herói modesto (que nos quadrinhos esconde os seus superpoderes), mas que se expõe ao risco em nome da busca incansável pela verdade. Heróis que não apenas nos contam o que aconteceu hoje, “mas o que tem acontecido sempre”¹³ (LULE, 2001, p. 20).

A cobertura jornalística desconstruída

Cada cobertura jornalística representa desafios únicos, mas no telejornalismo, a importância das imagens, a ausência ou a não existência de elementos visuais comprobatórios dos fatos noticiados, são situações que demandam recursos especiais (busca em arquivo de fotos e material colaborativo, entre outros) e abrem espaço para questionamentos e especulações. Em função disso, desde sua primeira denúncia o desaparecimento de Dom Phillips e Bruno Pereira teve aspectos diferenciados que iam além do próprio desaparecimento, como a área isolada e de difícil acesso, com estrutura básica precária e pouca presença do Estado.

Esses elementos se evidenciam desde a divulgação do fato pelo portal G1, veículo virtual ligado à Rede Globo de Televisão, mas ficam mais evidenciados quando a televisão passa a divulgar a informação. Em um primeiro momento, a opção pela nota, formato informativo que prescinde ou usa poucas imagens, é o primeiro indício dessa dificuldade. No entanto, na medida em que a questão se torna mais relevante – e para isso colaboram vários elementos, entre eles a exposição do tema na imprensa internacional e os próprios interesses da emissora-, o formato reportagem com aparência de reportagem investigativa se torna uma constante.

Ainda que o tema tenha sido exposto nos noticiários da Rede Globo de Televisão no dia 6 de junho, no conjunto do material exibido o momento mais simbólico foi quando a emissora abriu espaço para o tempo na chamada de abertura do Jornal Nacional na terça-feira, dia 7 de junho (Dia Nacional da Liberdade de Imprensa) e foi tema de uma matéria mais ampla no primeiro bloco.

O material contou com a narração de uma repórter local, fotos e vídeos dos desaparecidos e outras ilustrações – como um mapa do Estado. Mas também destaque sobre o fato das vítimas estarem sendo ameaçadas e a preocupação da família com um possível acidente. Apesar dessa declaração, todos os elementos da cobertura já apontavam para a possibilidade de um desfecho trágico, reforçado pela explicitação das ameaças e pelo fato de ambos já terem denunciado pescadores ilegais, contrabandistas e traficantes.

O material também traz dados sobre a região, mostrando que o local que abriga grupos indígenas isolados foi bem protegido “durante anos”, mais que agora isso vem mudando, uma vez que a falta da presença do estado tem deixado o território exposto a atividades ilegais, que por sua vez gera condições para o crescimento da violência, e cita funcionários da Funai que foram assassinados. O material veiculado também abre espaço para as argumentações da Funai, que expõe suas ações, e finaliza com a cobertura da imprensa internacional sobre o caso.

12 Jargão jornalístico utilizado para valorizar a ação dos jornalistas nas coberturas dos fatos.

13 Tradução das autoras.

Após a exibição completa do material, uma outra matéria fala de denúncias sobre maus tratos a jornalistas americanos na Rússia, emenda com as denúncias do sindicato dos jornalistas que acusa o Presidente Bolsonaro de agressões a jornalistas, e o pronunciamento de uma juíza que afirma que esse comportamento é um ataque à democracia e à liberdade de imprensa. O bloco finaliza com uma matéria sobre o Dia da Liberdade de Imprensa e a relação dessa atividade com a democracia, que inclui uma retrospectiva da imprensa brasileira ilustrada por filmes históricos, citando as conquistas da atual constituição brasileira, e críticas à situação atual, classificado como “um período bastante sombrio”. O texto é pontuado por frases emblemática, como “quem defende a liberdade de imprensa defende a democracia”.

O material, que ocupa um bloco inteiro do telejornal – o que não foi pouco em um dia conflagrado por votações importantes na Câmara e no Senado, inclusive com propostas de emendas à constituição -, mas para além de uma homenagem aos jornalistas, define o enquadramento que foi adotado na cobertura do desaparecimento de Dom Phillips e Bruno Pereira.

O que segue a partir desse ponto repete um padrão no qual o maior reforço é o próprio esforço da Rede e das suas emissoras – de forma tímida, a afiliada da Rede no Amazonas – para desvendar a cronologia dos fatos, mas também para retratar de forma humana as vítimas, afastar a possibilidade de terem se perdido na floresta e paralelamente encontrar culpados. Nesse sentido, ainda que o jornalismo da Rede Globo de Televisão se apegue ao gênero informativo, com ênfase no factual, a escolha dos entrevistados – privilegiando as solicitações da família, denúncias da demora sobre a tomada de providências e os protestos públicos – o enquadramento adotado ressaltava, ainda que de forma indireta, a ausência/incompetência deliberada (e consequente culpabilidade) do Estado na região.

A recuperação de fotos e principalmente vídeos com as vítimas trabalhando ou prestando serviços à comunidade, a repercussão internacional, os protestos no Brasil e no exterior e as cenas mornas -, até mesmo monótonas -, da região amazônica e da movimentação dos órgãos públicos (particularmente a Polícia Federal e o exército) se movimentando neste espaço estão sempre presentes nas reportagens.

Embora o material deixe claro as dificuldades para ilustrar a cobertura, com cenas sendo repetidas à exaustão, ele se destaca pela exposição de dois espaços diferentes: as cidades, onde acontecem os protestos e as decisões são tomadas; e a floresta, local cuja paz foi quebrada por elementos estranhos a ela. Ou, em outros termos, a necessidade de a cidade resgatar a floresta.

O tema se mantém presente nos telejornais no ritmo de uma telenovela; a ausência de comunicação, as denúncias de ameaça anteriores ao desaparecimento (e a indiferença do Governo a essas ameaças), a intervenção do STF exigindo a apuração, a prisão dos suspeitos, os interrogatórios, o aparecimento da mochila de um dos desaparecidos, a confissão de um dos acusados, a recuperação dos corpos e a prisão do cúmplices, são capítulos que seguem em ritmo lento, mas pontuado por críticas diretas ou indiretas à morosidade dos órgãos públicos. Trata-se de uma novela que não repete a vida, mas reflete a indiferença daqueles que não querem ou não se interessam pelo desaparecimento, e transformam as vítimas em culpados pelos próprios problemas.

Destaca-se ainda que embora na composição do material veiculado pela emissora de sinal aberto predomine a reportagem, há uma presença significativa de notas cobertas e notas secas, principalmente destinadas a abrir espaço para leitura e/ou explicações dos órgãos federais envolvidos no caso. Aparentemente, trata-se de um esforço de garantir o direito de abrir espaço para os dois lados envolvidos – princípio básico do jornalismo. No entanto, intencionalmente ou não, a linguagem direta utilizada nestas notas transparece tanto as justificativas quanto a incapacidade em compreender a complexidade das relações que envolveram os crimes.

As reportagens transmitidas nos telejornais nacionais da Rede Globo são sempre repetidas – em geral na íntegra – nos telejornais e nos programas da GloboNews. As notas com desculpas e

justificativas, no entanto, são diluídas nos comentários e análises dos muitos comentaristas da emissora. Neste caso predominam os formatos informativos, com ênfase no comentário, mas o tom é mais direto e a crítica mais agressiva. Destaca-se aí uma preocupação quase didática em apresentar o contexto no qual a situação se desenvolve, incluindo críticas diretas ao Governo e denúncias sobre o desmonte dos órgãos de proteção ambiental e/ou defesa dos povos tradicionais, e as consequências negativas da situação na imagem do Brasil no Exterior.

É válido acrescentar que, por falta de cuidado (incompetência?), o Governo Federal Brasileiro forneceu material para ilustrar e/ou ampliar essas críticas, com declarações negativas sobre as vítimas, que estariam em uma aventura; afirmações de que não teriam avisado os órgãos competentes (informações prontamente desmentidas); não terem cuidado com a própria segurança; serem mal-vistos na região; além de erros grosseiros de comunicação, como o aviso do Embaixador Brasileiro em Londres sobre a comprovação das mortes (neste momento, apenas vísceras humanas não identificadas tinham sido achadas).

A colaboração das autoridades locais também possui aspectos grotescos, com prefeitos locais que insinuam aos jornalistas possíveis ligações com contravenção; e procuradores públicos, que deveriam atuar na acusação, se voluntariando para defender os suspeitos mesmo antes das acusações formais. O contraste se dá também pela miséria do local – cidade ou povoado de construções precárias e as imponentes lanchas e uniformes das forças públicas.

De forma geral, fica claro a complementariedade e o super aproveitamento do material televisual, mas também uma redundância verbal. Cenas, vídeos, informações eram reapresentados em cada telejornal das duas emissoras, a tal ponto que mesmo as novas informações – que vinham a conta gotas – são esvaziadas de conteúdo em função de uma previsibilidade descortinada em comentários anteriores à sua divulgação.

No contexto da cobertura, o/s culpado/s foram elementos secundários. Desde a primeira denúncia, quando ainda se falava oficialmente de desaparecimento, o pano de fundo já introduzia, ainda que de forma subliminar, que o desfecho do caso seria a morte. Também apontava que o atual governo havia criado condições para que o crime efetivamente acontecesse, quer seja pela omissão, mas também por relacionamentos escusos e relações suspeitas com a contravenção¹⁴. Neste processo Dom Phillips e Bruno Pereira são colocados como heróis da resistência, aqueles que mantêm seus ideais e seus princípios mesmo contrariando ordens superiores e desafiando todos os perigos

A caminho de uma conclusão: não foi uma aventura

Jornalismo é um processo que envolve a produção de conteúdos que atendem as necessidades/curiosidades e desejos de setores diversos da sociedade. A base desse processo é empresarial e, com poucas exceções, ligada ao grande capital. Mesmo os conteúdos que demonstram a ideia de que o jornalista fez uma opção pelo risco, é claro ser esse um elemento estratégico que agrega valor à atividade profissional, trazendo benefícios simbólicos e econômicos.

Justamente em função disso, o jornalismo e as ações individuais dos jornalistas requerem planejamento para a reprodução/divulgação do material, mas também na produção, uma vez que o material a ser divulgado exige comprovação – depoimentos, fotos, filmes, documentos diversos.

Dito isso, é necessário reforçar elementos amplamente citados no conjunto de reportagens que constituíram a cobertura dos fatos: tanto Dom Phillips quanto Bruno Pereira não eram amadores, ambos tinham experiência na região, conheciam os caminhos, sendo que o Bruno era um indigenista

14 Entre os nomes citados de nomes ligados ao Governo Bolsonaro envolvidos em questões ligadas à Amazônia e/ou a preservação ambiental, foi citado o ministro Ricardo de Aquino Salles, que deixou o cargo sob suspeita de relações com madeireiros ilegais. (MATOSO; GOMES, 2021)

experiente e certificado pela própria Funai, órgão responsável pelo contato com os povos tradicionais no Brasil. É evidente que ambos tinham consciência dos riscos apresentados pela floresta, e até mesmo pela contravenção, mas o resultado aponta que o desprezo pelas leis – e pela vida humana – foi maior do que os cuidados tomados por eles.

Sobre a cobertura do desaparecimento, o mais relevante a ser destacado é que ela cumpre várias finalidades: coloca em evidência a omissão do governo com a região e questiona os valores que foram adotados para essa tomada de decisão; reforça a imagem do Governo (e em particular do próprio Presidente Bolsonaro) como inapto para lidar com situações de crise e responsável por piorar a imagem do Brasil no exterior; valoriza a atividade jornalística e sua importância para a democracia; valoriza a própria emissora como responsável incansável por desvendar o crime e, quase como um bônus, também cria novos ícones, novos heróis (RANTIN, 2022; VIEIRA, 1991) na defesa do meio ambiente.

Analisados esses aspectos, destaca-se também a evidente complementariedade dos formatos informativo e opinativos, mas também como eles se separam nas duas emissoras. O sinal aberto valorizando a factual, enquanto a emissora de acesso restrito (de sinal por assinatura, destinada a um público de maior poder aquisitivo) valoriza o opinativo. Ambas, no entanto, trabalham a partir de um elemento em comum, a exposição dos dados verdadeiros. Embora neste caso tenha havido a escolha de um enquadramento que desde o princípio buscou criar constrangimentos para o Governo, é também necessário reafirmar que, neste caso, o Governo foi farto no fornecimento de material para estas ações.

De forma ampla, a análise aponta rastros simbólicos que mitificam o profissional de imprensa, além de elementos estrategicamente colocados para conduzir a percepção de que a morte do Jornalista e do Indigenista é um elemento previsível em um Estado inepto. A somatória dos dados aponta também que a cobertura é um sintoma de que a relação entre a política e o jornalismo no Brasil é marcada por tensões que ampliam a dramaticidade das coberturas em uma estratégia para conquistar leitores e audiências, de permanente desconfiança das fontes ligadas ao Governo e/ou ao Estado, mas também calcadas em elementos de valorização da própria imprensa.

Referências

Amazonas Atual. (2022). Bolsonaro evita ‘aventura’ e deseja conforto às famílias de Bruno e Dom. Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/bolsonaro-evita-aventura-e-deseja-conforto-as-familias-de-bruno-e-dom/>. Acesso em: 19 jun 2022.

ARENDDT, Hannah. (1997). Verdade e Política: Entre o passado e o futuro. São Paulo: Contexto.

Bolsonaro insulta repórter da folha: “ela queria dar o furo”. 18/02/2020 - UOL Notícias. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/videos/2020/02/18/bolsonaro-insulta-reporter-da-folha-ela-queria-dar-o-furo-0402CD99366AD8B96326.htm>. Acesso em: 19 jun 2022.

BRANDINO, G. (2021). Liberdade de expressão e imprensa enfrentam cenário de violações sistemáticas, dizem especialistas. Folha Uol. 28/05/2021. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/05/liberdade-de-expressao-e-imprensa-enfrentam-cenario-de-violacoes-sistematicas-dizem-especialistas.shtml>. Acesso em: 19 jun 2022.

CARVALHO, R. (2022). Folha de S.Paulo – ‘Difícil, cansativo, perigoso’, disse Bruno à Folha antes de ir à Floresta pela última vez. 18/06/22. Disponível em: <https://www.msn.com/pt-br/noticias/brasil/dif%C3%ADcil-cansativo-perigoso-disse-bruno-%C3%AO-folha-antes-de-ir-%C3%AO-floresta-pela-%C3%BAltima-vez/ar-AAyBPKa?ocid=HPDHP&li=AAggXC1>. Acesso em: 19 jun 2022.

CHIZZOTTI, A. (1991). Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. São Paulo: Cortez.

FAIRCLOUGH, N. (2003). *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge.

FARIAS, V. (2020). Jornalistas são agredidos em manifestação a favor de Bolsonaro em Brasília. *Jornal O Globo* 03/05/2020/ Atualizado em 04/05/2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/jornalistas-sao-agredidos-em-manifestacao-favor-debolsonaro-em-brasilia-24408203>. Acesso em: 19 jun 2022.

FLICK, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.

Folha de S.Paulo. Bolsonaro diz para empresários que não leva jeito para ser presidente - 15/06/22. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/06/bolsonaro-diz-a-empresarios-que-nao-leva-jeito-pra-ser-presidente-veja-video.shtml>. Acesso em 19/06/2022.

GALVÃO, W. G1. DF. 06/06/2022 19h05. Desaparecimento de indigenista e jornalista inglês no Amazonas: entidades de direitos humanos, jornalismo e meio ambiente cobram investigação. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/06/06/desaparecimento-de-indigenista-e-jornalista-ingles-no-amazonas-entidades-de-direitos-humanos-jornalismo-e-meio-ambiente-cobram-investigacao.ghtml>. Acesso em: 19 jun 2022.

Global Media Monitoring Project. (2015). *Who makes the news? World Association for Christian Communication. (WACC)*. Disponível em: http://www.media-diversity.org/additional-files/Who_Makes_the_News_-_Global_Media_Monitoring_Project.pdf. Acesso em: 19 jun 2022.

InfoMoney. Sob pressão, Bolsonaro combina discurso defensivo e acenos à base na Cúpula das Américas. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/politica/sob-pressao-bolsonaro-combina-discurso-defensivo-e-acenos-a-base-na-cupula-das-americas/>. Acesso em 19/06/2022.

Jornal Nacional. Mais de 33 milhões de brasileiros passam fome todo dia, revela pesquisa.

Exibição em 8 jun 2022. Disponível em <https://globoplay.globo.com/v/10651051/>. Acesso em: 19 jun 2022.

Jornal Nacional. (2022). Edição de 07/06/2022. Episódio.1351. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10647462/>. Acesso em: 19 jun 2022.

Jornal Valor. (2022). Bolsonaro diz que Don e Bruno não cuidaram da segurança. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2022/06/15/tudo-indica-que-nas-prximas-horas-desaparecimento-de-jornalista-e-indigenista-ser-esclarecido-afirma-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 19 jun 2022.

LULE, J. (2001). *Daily news, eternal stories: the mythological role of journalism*. New York: The Guildford Press, 2001.

MAGALHÃES, I. Introdução. (2005). *A análise de discurso crítica*. Delta, São Paulo 21: Especial. pp. 1-9.

MALHOTRA, N. K. (2006). *Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada*. Porto Alegre: Bookman.

MARQUES DE MELO, José. (2009). *Jornalismo: compreensão e reinvenção*. São Paulo: Saraiva.

MARQUES DE MELO, José. (2003). *Jornalismo Opinativo*, 3º ed. Campos do Jordão. Ed. Mantiqueira de Ciência e Arte.

MARQUES DE MELO, José & ASSIS, F. de. (2016). *Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório*. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 39, n. 1, pp. 39- 56.

MATOSO, Filipe; GOMES, Pedro Henrique. (2021). Cai o ministro Ricardo Salles, do Meio Ambiente. G1. 23/06/2021. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/23/bolsonaro-exonera-salles-do>

cargo-de-ministro-do-meio-ambiente.ghhtml. Acesso em: 19 jun 2022.

MídiaTalk. (2021). RSF: Bolsonaro entra para lista de predadores da liberdade de imprensa (uol.com.br) MídiaTalk. Uol Notícias. 05 jul. 2021.

<https://mediatalks.uol.com.br/2021/07/05/bolsonaro-entra-para-lista-dos-predadores-mundiais-da-liberdade-de-imprensa-da-rsf/>. Acesso em: 19 jun 2022.

OxfamNotícias. Bolsonaro despreza fome de brasileiros na Cúpula das Américas. Disponível em <https://www.oxfam.org.br/noticias/bolsonaro-despreza-fome-de-brasileiros-na-cupula-das-americas/>. Acesso em 19/06/2022.

RANTIN, Chris. Legião dos Heróis. (2022). 10 PERSONAGENS DOS QUADRINHOS QUE SÃO JORNALISTAS! Disponível em <https://www.legiaodosherois.com.br/lista/10-personagens-dos-quadrinhos-que-sao-jornalistas.html>. Acesso em: 19 jun 2022.

Relatório Human Rights Watch. (2020). World Report 2020. Human Rights Watch (hrw.org). Disponível em: <https://www.hrw.org.pt/world-report/2020>. Acesso em: 19 jun 2022.

Revista Forum. (2022). Jornalista desaparecido foi atacado por Bolsonaro: “Amazônia é nossa, não de vocês”. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2022/6/8/jornalista-desaparecido-foi-atacado-por-bolsonaro-amaznia-nossa-no-de-vocs-veja-video-118495.html>. Acesso em: 19 jun 2022.

RSF - Repórteres sem Fronteiras. (2021). Velhos tiranos, duas mulheres e um europeu: a RSF releva sua edição de 2021 dos “predadores da liberdade de imprensa”. Disponível em: <https://rsf.org/pt-br/pais/brasil>. Acesso em: 19 jun 2022.

SILVA, G. & SOARES, R.L. (2022). O método análise de cobertura jornalística e o acontecimento noticioso da doença do ex-presidente Lula. São Paulo: Interface - Comunicação, Saúde, Educação, Volume: 26, 2022. Disponível em <https://www.scielo.br/j/icse/a/jl5qXgZZcpLdcpXF5HP84qy/?lang=pt#>. Acesso em: 19 jun 2022.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; TUZZO, Simone Antoniacci. A entrevista como método de pesquisa qualitativa: uma Leitura Crítica das memórias dos jornalistas. Anais: Congresso ibero-americano em investigação qualitativa. Salamanca/Espanha: Universidade de Salamanca, 2017.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; TUZZO, Simone Antoniacci. Quando os jornalistas se transformam em fonte de pesquisas qualitativas. Revista Eixo. Brasília/DF. Vol.8. nº3. Jul/dez. 2018. pp. 28-38. Disponível em:

https://www.simonetuzzo.com/_files/ugd/3ecc9a_eb56e818688848a0ab2a2738e700a9ec.pdf

Acesso em: 13 jul. 2021.

TUZZO, Simone Antoniacci; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. As jornalistas sob ataque: um estudo sobre agressões às profissionais de imprensa em uma sociedade polarizada. Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. v. 15, n. 3, p. 58-74, set./dez. 2021.

TRAQUINA, N. (2005). Teorias do Jornalismo V. 1 - Porque As Notícias São Como São. Editora Insular. Florianópolis-SC.

TUCHMAN, G. (1999). A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas In: Traquina, N. (Org.). Jornalismo: questões, teorias e ‘estórias’. Lisboa: Veja. pp. 74-90.

VIEIRA, Geraldinho. Complexo De Clark Kent. São Super-Homens Jornalistas? São Paulo: Summus, 1991.